



Livro-reportagem “Eu não tinha visto por esse lado”¹

Gustavo de Aquino Munhoz ALBERGE²

Paula Yoshie Sanefuji WERNER³

Emerson de Castro Firmo da SILVA⁴

Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

O livro-reportagem “Eu não tinha visto por esse lado” é composto por sete perfis de pessoas cegas. A cegueira, por causa do desconhecimento, ainda gera visões equivocadas na sociedade acerca das limitações e capacidades dessas pessoas. Com esses perfis, pretende-se mostrar uma visão diferente desse tema expondo a história de vida dos personagens a partir do viés da igualdade. O objetivo é fazer com que o leitor repense sobre o assunto e perceba que pessoas cegas são iguais a todas as outras, que a limitação não faz de suas vidas menos participativas. As narrativas foram produzidas a partir de entrevistas com os personagens e possuem uma linguagem literária com o objetivo de proporcionar uma leitura agradável e envolver o leitor para que, enfim, reflita sobre as reais capacidades e limitações da pessoa cega com o intuito de eliminar as visões equivocadas presentes na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; livro-reportagem; perfil; cegueira; preconceito.

INTRODUÇÃO

Antes de tudo, é necessário explicar que os autores deste projeto optaram por utilizar o termo “pessoa cega” ao longo de todo o projeto. Essa decisão foi tomada com base em estudo produzido por Romeu Kazumi Sassaki (2003), consultor de inclusão social e autor do livro “Inclusão. Construindo uma sociedade para todos”. O objetivo de Sassaki é orientar jornalistas e profissionais da educação que precisam falar ou escrever sobre pessoas com deficiência. Ele aponta os termos corretos para fazer referência a uma pessoa cega (cego, pessoa cega, pessoa com deficiência visual e deficiente visual). Para o autor, deve haver um cuidado na utilização da linguagem, pois é através dela que “se expressa, voluntariamente ou involuntariamente, o respeito ou a discriminação em relação às pessoas com deficiências”.

Apesar de todas as variações apresentadas por Sassaki, os autores deste projeto resolveram utilizar apenas o termo “pessoa cega”, atendendo a clara preferência de que se

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

² Aluno líder do grupo e recém-formado do Curso Jornalismo, email: gugalberge@hotmail.com.

³ Recém-formada do Curso Jornalismo, email: pa_hwerner@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: teoriacastro@yahoo.com.br.



coloque o substantivo “pessoa” antes da condição de cego, primazia observada nas entrevistas realizadas com pessoas cegas e outras relacionadas a elas.

Isto posto, segundo dados do Conselho Brasileiro de Oftalmologia, em torno de 1,1 milhões de brasileiros – cerca de 0,6% da população – sejam cegos. Assim como muitas pessoas com outras deficiências, essa parcela da sociedade sofre com o preconceito em diversos aspectos – social, mercado de trabalho, relações pessoais, entre outros.

Por vezes, esse pré-julgamento é causado pelo desconhecimento com relação ao potencial dessas pessoas. Então, o projeto de livro-reportagem “Eu não tinha visto por esse lado” conta histórias de pessoas cegas visando a desmistificação acerca de suas limitações. As narrativas, baseadas em entrevistas, visam expor o cotidiano delas que, mesmo com a limitação, levam uma vida igual a de qualquer um.

A partir de entrevistas já realizadas com pessoas cegas e outras diretamente ligadas a elas, verificou-se a necessidade de retratar a vida de pessoas com deficiência visual total a partir de outra perspectiva que não seja através da comoção, pena ou a de torná-las “super-heróis” (pessoas superdotadas que desenvolvem capacidades surpreendentes e, assim, alcançam o sucesso), visão muito recorrente na mídia cotidiana. Para a definição de tal direcionamento, os autores buscaram informações durante idas ao Instituto Paranaense de Cegos. Assim, puderam delinear um rumo muito mais condizente com as aspirações dessa comunidade, não sendo um projeto no qual determinou-se o que queriam os autores, mas as próprias pessoas cegas.

Essas histórias, contadas a partir da igualdade, servem de estratégia para combater o preconceito de que deficiência é sinônimo de incapacidade. Sendo assim, é importante destacar que uma pessoa com deficiência não se define por este único fator. Muito pelo contrário, pessoas com deficiência mostram que possuem limitações, mas que essas não as impedem de ter uma vida participativa. Assim, a comunicação surge como mediadora entre as pessoas cegas e a sociedade. Mas, agora, com a abordagem do olhar da igualdade, como um ser humano sem distinção em relação aos outros além da própria deficiência.

Como é de sua natureza aprofundar temas, o livro-reportagem tem a capacidade de aproximar esses dois mundos e diminuir a ausência de conhecimento na sociedade vidente sobre as reais capacidades e limitações da pessoa cega – desconhecimento esse que foi verificado pelos próprios autores desse projeto quando se deparam pela primeira vez com uma pessoa cega, sem saber como agir. A pluralidade, também presente nesse veículo, permite que se tenha um grande leque de situações vividas por essas pessoas, o que ajuda a construir um nível de compreensão elevado sobre o assunto. Então, pretende-se que o livro



aja no combate ao preconceito, atue na modificação de visões equivocadas e também sirva de motivação para as próprias pessoas cegas, mostrando exemplos tangíveis.

2 OBJETIVO

O livro-reportagem “Eu não tinha visto por esse lado” visa promover uma reflexão sobre as histórias apresentadas e o conhecimento da realidade das pessoas cegas para toda a sociedade, visando a quebra de preconceito e modificação de visões equivocadas.

Dessa forma, buscou-se, também, fazer com que as histórias sejam exemplos tangíveis para pessoas cegas e sirvam de motivação para elas.

Outros aspectos, tais como produzir perfis envolventes de histórias simples, abordar um tema que é pouco explorado a partir da perspectiva igualitária e apresentar uma narrativa de modo que os personagens se sentissem fielmente retratados também foram importantes objetivos alcançados com o livro-reportagem.

Vale ressaltar que, através de patrocínios, pretende-se, futuramente, produzir a versão em Braille para que esteja disponível para as próprias pessoas cegas.

3 JUSTIFICATIVA

Há muito tempo presente, o preconceito é algo que assombra e põe à margem da sociedade diversos grupos estigmatizados. Afinal, o culto ao corpo perfeito e bem organizado é algo mantido desde as civilizações mais antigas.

Ainda na pré-história, mesmo que por ditas questões de sobrevivência, essa visão de que o corpo deveria estar em perfeitas condições podia ser evidenciada no modo como descartavam crianças com enfermidades. Mais que isso, tais acontecimentos eram ligados a espíritos malignos ou castigos dos deuses (SILVA, 1987 citado por VIEIRA, 2006, p. 3).

Com o passar do tempo, esse preconceito permaneceu incutido na sociedade, mesmo que de formas diferentes (sem o extermínio), mas com o mesmo intuito, a exclusão. “[...] ter uma deficiência significa crescer numa sociedade de rejeição e de exclusão de certas experiências que fazem parte do desenvolvimento normal” (VIEIRA, 2006, p. 84-85).

Não se pode negar a existência de leis que garantam os direitos às pessoas com deficiência, mas, seguindo o pensamento de Vieira, isso não basta e “a exclusão social somente deixará de existir quando os deficientes forem considerados como seres humanos, tratados como cidadãos e ocupando os mesmos espaços, ou seja, a verdadeira inclusão [...]”, (2006, p. 41-42)

Para combater todo esse preconceito, é necessário que haja a aproximação entre pessoas cegas e videntes. Com a convivência, é possível enxergar o quanto a pessoa cega não corresponde à ideia de incapacidade. Assim como todos, ela encontra dificuldades para determinadas tarefas e facilidades na execução de outras (CADERNOS, 2001, p. 5). A única diferença entre pessoas cegas e videntes é o fato de que uma vê e a outra não vê, nada mais que isso (MILLECCO, 2004, p. 45). Entretanto, a aproximação desses dois mundos é algo que ainda não acontece na sua plenitude.

Nesse sentido, os veículos de comunicação de massa têm um papel importante como “agentes facilitadores dessa troca de informações” para fomentar esse diálogo (MÍDIA, 2003, p. 6). É nessa perspectiva que o livro-reportagem apresentado se encaixa, tendo como principal objetivo ser o mediador que possibilite o diálogo entre essas comunidades e que o resultado disso seja a melhora na qualidade de vida da pessoa cega.

Afinal, como constatado depois de análises de reportagens e referências à pessoas cegas na mídia, percebe-se que ou tende-se para a supervalorização ou para a comiseração. Lívia Maria Villela de Mello Motta acredita que “[...] a forma como a mídia usa os significados da deficiência e mostra a figura do cego e das pessoas com deficiência, infiltra-se na vida das pessoas, contribuindo para a construção dos sentidos negativos e a manutenção do estigma [...]”.

Por fim é importante afirmar que o livro-reportagem “Eu não tinha visto por esse lado” buscou, justamente, retratar a pessoa cega como ela é, uma pessoa normal, igual à todas as outras, sem pender para o inusitado ou para a compaixão.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Primeiramente, antes de definir os pilares que norteariam a elaboração deste projeto, os autores foram até o Instituto Paranaense dos Cegos e conversaram com pessoas cegas e outras diretamente relacionadas a elas para que pudessem, com um nível maior de acerto, ajudar a produzir um trabalho mais adequado aos anseios dessa comunidade – das pessoas cegas.

Feito isso, o projeto seguiu com a elaboração da fundamentação teórica. Diversos autores relacionados a temas pertinentes ao projeto proposto foram consultados. A temática referente à cegueira e o preconceito foi produzida com o auxílio de materiais didáticos e artigos científicos sobre o tema e autores como Erving Goffman, Luiz Antonio Millecco, Carmelino Souza Vieira e outros. Para se ter ainda mais precisão ao falar sobre a abordagem da mídia sobre a pessoa cega, materiais jornalísticos foram analisados.

Já na parte jornalística, Edvaldo Pereira Lima, Carlos Rogé Ferreira, Sergio Vilas Boas, Tom Wolfe, Bill Kovach & Tom Rosenstiel, entre outros, permitiram a elaboração de uma discussão sobre livro-reportagem, entrevista, perfil, jornalismo literário e responsabilidade social dentro do jornalismo. Ficou claro que livro-reportagem seria a melhor ferramenta para tal trabalho vide as intenções dos autores – aprofundar, por um viés diferente, um tema que é pouco ou mal explorado pela mídia cotidiana.

A mídia brasileira contextualiza muito pouco hoje. É obrigação do livro-reportagem fazê-lo. O público não quer simplesmente um amontoado de fatos. Quer entendê-los. Mesmo nas melhores histórias, um livro-reportagem que se limite apenas à dimensão factual é sempre mais pobre que aquele que vai mais fundo na busca de causas e conseqüências. À reportagem cabe dar a dimensão dos fatos. Informações que permitem ao leitor concluir como as coisas se conectam no mundo, como interferem na sua vida ou até como funciona a lógica particular de um personagem – expondo traços de sua personalidade – são sempre úteis. Dão à narrativa uma dimensão humana. Despertam interesse. (BELO, 2006, p.88).

Pensando nessa aproximação com a dimensão humana, estava definido que as histórias seriam contadas no formato de perfil por:

evidenciar o lado humano [...] de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. [...] a pessoa geralmente representa por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão (LIMA, 2004, p.52).

Para a realização dos perfis, a entrevista apresentou-se como a melhor forma de captar as informações. O modo escolhido pelos autores, segundo Nilson Lage (2004, p. 77) enquadra-se como “dialogal”, a “entrevista por excelência”, marcada antecipadamente e que coloca entrevistador e entrevistado juntos em “ambiente controlado”. Optou-se pela entrevista “dialogal” por perceber que “[...] quando o jornalista realiza bem essa aproximação, a entrevista se torna uma experiência. Uma experiência de olhar o mundo e ouvir o outro” (CAPUTO, 2006, p. 28).

Com relação à narrativa escolhida, é preciso prestar atenção no seguinte parecer de Tom Wolfe sobre a reação do leitor ao se deparar com o modo que a mídia tradicional traz a informação:

Os leitores choravam de tédio sem entender por quê. Quando chegavam àquele tom de bege pálido. Isso inconscientemente os alertava de que ali estava de novo aquele chato bem conhecido, ‘o jornalista’, a cabeça prosaica,

o espírito fleumático, a personalidade apagada, e não havia como se livrar do pálido anãozinho, senão parando de ler. (WOLFE, 2005, p. 32)

Para evitar essa falta de apreço com o leitor, Dravet (2005, p. 90) afirma que o jornalismo precisa recorrer à literatura, pois só assim seria capaz de “provocar sentimentos, despertar interesse, sugerir reflexões, refletir sobre todas as coisas”. Santos e Oliveira (2004, p. 9) têm a mesma opinião, elas acreditam que a reportagem precisa da literatura para que o profissional da imprensa vá além do que simplesmente informar o leitor, mas que “sensibilize-o, toque-o umbilicalmente, de modo que ele se sinta participante da história, capaz de sentir as sensações como alguém que realmente tivesse presenciado o acontecimento”, ou seja, um caráter muito diferente daquele presente no “texto árido na notícia”. Enfim, buscou-se um livro-reportagem para aprofundar um tema que a mídia cotidiana não aborda adequadamente, construir perfis humanizados com base em informações coletadas durante as entrevistas para chegar a uma narrativa envolvente e reflexiva.

Estabelecidas as diretrizes, partiu-se para a realização prática do livro-reportagem. Começando pela definição dos entrevistados, que não foi complicada, visto que não eram grandes as exigências para que pudessem se tornar personagens e o tema se mostrou de interesse das próprias fontes. Por não se ter por objetivo o extraordinário, bastava ter disposição para contar a história de vida que comporia parte do livro. De qualquer forma, a partir das primeiras entrevistas, foi solicitada a indicação de potenciais novos entrevistados. Ao longo dessa pesquisa, sempre se tomou o cuidado para que os sete perfis tivessem histórias diferentes e que trouxessem para o leitor variados aspectos da vida dessas pessoas.

Ao longo da produção do trabalho, preparou-se um roteiro de perguntas e pontos-chaves da vida dessas pessoas que nortearam a realização das entrevistas. Uma pergunta padrão para todos foi a seguinte: “Voltar a enxergar é uma prioridade na sua vida?”. Isso evidenciou um ponto de vista bastante interessante, o de que nenhum dos entrevistados coloca “recuperar a visão” em primeiro lugar. Foram feitas sete entrevistas pessoalmente (uma com cada personagem) – algumas na própria casa do personagem, outras no ambiente de trabalho. Após a decupagem total dessas entrevistas, deu-se início à construção dos perfis e, após concluídos, verificou-se a necessidade de conversar mais uma vez com os personagens para verificação de alguns pontos da narrativa.

Também foi feito o envio do material correspondente para cada perfilado para que eles pudessem avaliar o conteúdo dos textos e evitar, assim, erros ocasionados por lapsos de

memória, deficiências na apuração, e até possível colocação de ideias que remetessem, mesmo que sem intenção, a preconceitos. Os perfis corrigidos retornaram e foram devidamente alterados.

O processo de escrita das histórias não foi dividido entre os dois autores deste trabalho. Todas as narrativas foram escritas “a quatro mãos”. Isso foi determinante para que todas as histórias seguissem uma mesma linguagem, um estilo único, resultado de um texto híbrido de características de ambos os autores.

Optou-se pela utilização de frases retiradas da própria entrevista como títulos e subtítulos dos capítulos do livro. A intenção é a de deixar o texto mais conectado com os pensamentos do perfilado. As frases utilizadas ao longo dos perfis têm por objetivo ilustrar e corroborar, com as palavras dos personagens, os fatos que ali estão narrados.

Seguindo essa linha de conexão, também optou-se por abrir um espaço, ao final de cada perfil, para a expressão direta de pensamentos de cada personagem. Foram extraídos trechos das entrevistas que exprimem diversas opiniões sobre diferentes aspectos da vida de cada um. Essa área reservada tem por objetivo ser um momento de desabafo, crítica, reclamação e pensamentos positivos a respeito da vida e da cegueira.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O livro, em sua versão final, tem 158 páginas. Ele está no formato A5 com orientação vertical. O papel escolhido é o offset, 90g. Apenas a capa será impressa colorida, o interior do livro é todo em preto e branco.

A capa do livro é composta por 180 fotos de pessoas diferentes. A intenção é reforçar a ideia de que pessoas cegas são iguais a todas as outras. Afinal, colocaremos as fotos dos sete personagens do livro distribuídas por toda a capa. Além dessas sete fotografias, outras 173 – de pessoas que enxergam – completarão os espaços vazios. Ou seja, olhando para a capa já não será percebida a diferença entre uns e outros.

O conceito inicial partiu do dado, já citado anteriormente, do Conselho Brasileiro de Oftalmologia: 0,6% da população brasileira é cega. No entanto, verificou-se a inviabilidade de trabalhar com essa estatística tanto no ato fotográfico, quanto no tamanho que elas teriam na capa – que seria incapaz de mostrar detalhes identificáveis dos fotografados. Reduzimos, então, até chegarmos em um coeficiente possível de se fotografar e que traria uma disposição agradável na diagramação. De qualquer forma, o conceito inicial permanece de que, mesmo aumentando a proporção de pessoas cegas para videntes, são imperceptíveis as diferenças.



A fonte escolhida para a o título é a *Moderne*, tamanho 26, e para o nome dos autores é a *Trajan Pro*, 11. O título “Eu não tinha visto por esse lado” é o que os autores esperam que os leitores concluam ao ler o livro. Afinal, como sempre foi abordado, quer-se, com este trabalho, desmistificar a cegueira e mostrar que pessoas cegas são iguais a todas as outras.

De acordo com Collaro (1996, p. 131), a capa “deve receber um tratamento especial, contendo suas mensagens e o máximo de síntese do conteúdo do livro, tanto no título como na ilustração”. Percebe-se, então, que os autores buscaram justamente isso: trabalhar com os elementos alinhados de tal maneira que expressem o objetivo e o conteúdo do livro.

A divisão dos capítulos está nas páginas ímpares. Entre um perfil e outro há uma tarja cinza na parte superior da página que, dentro dela, contém o título, na cor branca, do próximo capítulo – a tipografia é *Century Schoolbook*, 26. A tarja, também divisora de capítulos, reitera uma identidade visual começada na capa, que tem o título do livro.

Para o interior do livro, no corpo do texto e subtítulos optou-se pela fonte *Century Schoolbook*, tamanho 11, por ser serifada e muito próxima à da família “*Romana Antiga*”, definida por Collaro (1996, p. 18) como aquela que tem “maior grau de legibilidade” e é imbatível para livros. Os subtítulos são destacados por estarem em negrito. O texto todo é justificado à esquerda, subtítulos também. Nas partes de opinião, ao final de cada perfil, a fonte é a mesma, mas em itálico e tamanho 10,5.

Os marcadores nos cantos superiores das páginas também estão em *Century Schoolbook*, mas em negrito e itálico, tamanho 10. Os marcadores que ficam em páginas pares estão alinhados à esquerda e os que estão nas ímpares, alinhados à direita. O objetivo é a repetição do título do livro e dos perfis para reforçar a identidade do material e facilitar a localização da leitura. A paginação está com a mesma fonte, mas em tamanho 12 e apenas em negrito. Tanto os marcadores, como a paginação, estão na cor cinza para diferenciar esses elementos do corpo do texto.

As margens buscam uma boa distância entre corpo do texto e extremidades das páginas para maior conforto de leitura. As medidas são: 2 centímetros para a margem externa e a inferior e 2,5 para a margem interna e a superior.

6 CONSIDERAÇÕES

Mudar a realidade do público, daqueles que foram retratados nos textos, dos autores. Essas são as três mudanças que permeiam a construção jornalística. O profissional dessa área constantemente percebe que, quando produzido um trabalho, algum desses três níveis



de mudança deve ser atingido. Ao elaborar o livro-reportagem “Eu não tinha visto por esse lado”, pudemos perceber que, ao menos, os autores já foram alvos da mudança.

Como autores desse projeto, imergimos em um mundo totalmente novo e com algumas situações que, por desconhecimento, ficamos um pouco sem reação. A primeira delas foi no momento em que conversamos com o atual presidente do Instituto Paranaense de Cegos, Ênio Rodrigues da Rosa. Quando chegamos no local, fomos colocados na frente dele e não sabíamos como sequer cumprimentá-lo. Afinal, nunca tínhamos feito isso e pensamos que talvez fosse necessário falar mais alto para que ele soubesse de onde vinha o som. No início foi um pouco complicado, mas aprendemos, inclusive a como ajudar uma pessoa cega a atravessar a rua – coisas que parecem simples até demais, mas que, por ignorância nossa, não sabíamos o que fazer.

Ao longo do ano, começamos a nos sentir tão à vontade com nossos personagens que as entrevistas em muito se assemelharam à conversas informais. Realmente, durante todo o tempo em que estivemos com elas, esquecemos da deficiência. Estávamos em alguma mesa, em algum lugar conversando sobre as histórias de vida de cada um, conhecendo as experiências deles. Podemos aferir, também, que esquecíamos que falávamos de pessoas cegas ao escrever, vide as várias vezes em que os textos voltaram com apontamentos de nosso orientador dizendo que “aqui e ali” se fazia necessária a lembrança para que o leitor não ficasse perdido.

Também verificamos que a maioria dos nossos personagens já manifestava uma vontade grande de contar sua história – fazendo um livro ou escrevendo em um blog. O que animou ainda mais a elaboração do livro-reportagem.

Quanto ao saberes específicos do Jornalismo, ficamos mais íntimos de uma linguagem que pouco exploramos durante os quatro anos de curso: a narrativa literária. Vimos que essa pode ser uma grande aliada da informação ao transmitir a mensagem de um jeito mais prazeroso para o leitor. Ou seja, o público tem contato com a informação de uma forma que o envolve e que o entretém.

Enfim, todo esse projeto foi um grande aprendizado: como jornalistas e como cidadãos. Nos deparamos com novas situações nos campos técnico, emocional e social. As divergências entre os autores apareceram, inevitavelmente. Mas, não deixaram de contribuir para o aumento na qualidade final do livro-reportagem. Resumindo: aprendemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. 139p.



CADERNOS Tv Escola Deficiência Visual. Marta Gil (Org.). Brasília: MEC. Secretaria de Educação à Distância, 2001. 80p.

CAPUTO, S. G. **Sobre entrevistas:** teoria, prática e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 204p.

COLLARO, A. C. **Projeto Gráfico:** teoria e prática da diagramação. 3 ed. São Paulo: Summus, 1996. 173p.

DRAVET, F. **Palavras inconsideradas na lagoa do conhecimento.** In CASTRO, G. de; GALENO, A. **Jornalismo e literatura:** A sedução da palavra. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. 85-92p.

LAGE, N. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 189p.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3. ed. Barueri: Manole, 2004. 371p.

MÍDIA e deficiência. Veet Vivarta (Org.). Brasília: Andi. Fundação Banco do Brasil, 2003. 184 p. Disponível em: <http://www.andi.org.br/_pdfs/Midia_e_deficiencia.pdf> Acesso em: 01/06/2010

MILLECCO, L. A. **Olhos de ver:** o desafio da cegueira. Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2004. 96p.

MOTTA, L. M. V. de M. Aprendendo a ensinar inglês para alunos cegos e com baixa visão – um estudo na perspectiva da teoria da atividade. 2004. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/teses/livia_motta.zip>. Acesso em: 11/06/2010

SANTOS, D. de A.; OLIVEIRA, E. F. de. **A (des)caracterização do livro-reportagem em projetos experimentais de Jornalismo.** Anais do 27. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Porto Alegre-RS, 2004. São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/16945/1/R1617-1.pdf> Acesso em: 05/05/2010

SASSAKI, R. K. Terminologia Sobre a Deficiência na Era da Inclusão. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo – Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2003. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/portal.php/informacoes/terminologia>>. Acesso em: 12/04/2010

VIEIRA, C. S. Alunos cegos egressos do Instituto Benjamin Constant (IBC) no período de 1985 a 1990 e sua inserção comunitária. 2006. 364 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Departamento de Ensino, Instituto Fernandes Figueira, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.bvsam.icict.fiocruz.br/teses/csvieira.pdf>>. Acesso em: 09/04/2010

WOLFE, T. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 245p.